



“MENINOS E MENINAS” UM ESTUDO INTERDISCIPLINAR QUANTO A QUESTÃO DE GÊNERO

Alice de Jesus (UNEMAT) – prof.nina1954@gmail.com

Cálita Fernanda de Paula Martins (UNEMAT) – calitajornalista@gmail.com

GT 9: Educação, Infância e Crianças

Resumo:

O presente trabalho diz respeito ao Seminário Interdisciplinar proposto no Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, para a realização apropriamos-nos das observações feitas durante o período de Estágio Supervisionado I, bem como das fundamentações teóricas e saberes disciplinares adquiridos no decorrer da III esfera. Tendo como objetivo relatar a questão do brincar e a relação de gênero, que a maioria das vezes é desmistificada pelos pais e o ambiente escolar. Para isso utilizamos enquanto referencial teórico: Kishimoto (1999, 2010), Sayão (2002, 2004), Auad (2006), Velasco (1996), Scott (1995), Iturra (2002), Japiassu (1979), Rocha (2005), Ferreira (1986) Louro (1997), Rodrigues (2004), dentre outros intercessores que será abordado no decorrer trabalho.

Palavras-chave: Brincadeiras. Crianças. Gêneros.

1 Introdução

Brincar de faz de conta, pique-esconde, pula corda, amarelinha, boneca, casinha, carrinho e quantas outras brincadeiras que fazem parte da vivência das crianças. Pensar essas brincadeiras e os brinquedos utilizados no âmbito da educação infantil nos leva a refletir a presença do pedagogo e da família enquanto mediador desse processo.

De acordo com Kishimoto (1999), a brincadeira é uma ação livre espontânea e consciente que a criança desempenha e realiza sem nenhuma obrigação, a brincadeira é uma ação lúdica, que a criança se envolve, relaxa aprende regras, habilidades e adentra num mundo imaginário.

Velasco (1996) corrobora que o através do brincar a criança desenvolve suas capacidades físicas, verbais e intelectuais, o brincar estimula o desenvolvimento infantil e a criança aprende a ter autonomia. Quando a criança não brinca, ela deixa de desenvolver as capacidades inatas, podendo se tornar uma criança insegura e desencorajada. Pois a brincadeira estimula a possibilidade da criança se tornar um adulto consciente e equilibrado.

Assim, pode-se afirmar que além de ser fundamental para as crianças, as brincadeiras possibilitam a vivência em situações individuais e coletivas. Desse modo,

proporciona o desenvolvimento da aprendizagem e principalmente o prazer que a brincadeira transmite, a qual faz parte do lúdico.

O brinquedo se define como objeto que representa certas realidades. De modo que se constroem realidades imaginárias, onde as crianças se familiarizam com o sentido que o brinquedo reproduz. Nesse sentido, Kishimoto (1999, p. 18) assegura que “o brinquedo coloca a criança na presença de reproduções: tudo que existe no cotidiano, a natureza e as construções humanas”. O autor aponta que o objetivo do brinquedo é dar a criança um substituto dos objetos que fazem parte de sua realidade, na proposta de manipulá-los.

Além disso, podemos enfatizar que o brinquedo é de extrema relevância para o desenvolvimento da criança, pois desperta a curiosidade, trabalha a inteligência e aguça a imaginação e a invenção. Visto que, constrói laços afetivos e desenvolvem noções de reciprocidade e respeito. O brinquedo também auxilia o educador nas atividades lúdicas, sendo importante que o mesmo, possa selecionar determinados brinquedos para garantir a segurança e o lazer das crianças.

Quando se pensa essas brincadeiras voltadas para o senso comum, vemos a necessidade de se pensar formas de como envolver a família e a escola no processo de constituição das diferentes formas de brincar, e como o brinquedo se torna importante nesse processo.

Nesse caso, deparamos diariamente com a ideia de que existem brinquedos voltados para meninos e outros para meninas. Parte dessa ideologia está enraizada na escola, outra parte no âmbito familiar. Desse modo, tem se a intenção de pesquisar como a questão do gênero pode ser vista interdisciplinarmente quanto à atribuição dos brinquedos e das brincadeiras aos meninos e as meninas em diferentes creches municipais de Cáceres.

Para atingir os objetivos propostos, será realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa. Quanto aos procedimentos, uma pesquisa bibliográfica e um relato de experiência. Para Marconi e Lakatos (2007), a pesquisa qualitativa se preocupa em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano, fornecendo análise mais detalhada sobre os hábitos, atitudes, tendências, dentre outros aspectos. Em uma pesquisa qualitativa os resultados não podem ser traduzidos com números, o pesquisador é o instrumento chave para o processo.

Nesse sentido, pesquisa bibliográfica tem por objetivo adquirir conhecimentos a respeito de uma temática. Uma vez que, esse tipo de pesquisa é necessário para fundamentação teórica do trabalho. De acordo com Marconi e Lakatos (2007), a pesquisa bibliográfica tem a finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto.

O relato de experiência, por sua vez, foi desenvolvido a partir das experiências vivenciadas no estágio supervisionado I, nas creches “Brincadeira” e “Sorriso” (nomes fictícios). Todavia, o relato tem por objetivo descrever uma dada experiência que possa contribuir para reflexão de uma determinada situação.

Discorrido acerca dos tipos de pesquisa a serem utilizadas, torna-se importante localizar o leitor quanto à estrutura desenvolvida no presente trabalho. De modo que, o artigo encontra-se organizado em três subtítulos. O primeiro discute acerca dos brinquedos e brincadeiras que são direcionadas as meninas e aos meninos. O segundo aponta sobre o pensar interdisciplinar quanto à questão de gênero. O terceiro faz um relato quanto às experiências adquiridas a partir do estágio supervisionado I nas creches “Brincadeira” e “Sorriso”. Por fim, as considerações, seguidas pelas referências bibliográficas utilizadas para sustentar essa pesquisa.

2 Brinquedos e brincadeiras direcionados as meninas e aos meninos

A questão para muitos pais ou até mesmo educadores, é que tudo isso vai além de uma simples brincadeira e acaba envolvendo a sexualidade da criança. Desse modo, é necessário que os pais e os educadores saibam lidar com essas situações para não prejudicar a formação dos pequenos.

É comum ver pais reprimindo a vontade de seus filhos, pois são os adultos que moldam as crianças em criar expectativas de como serão no futuro e esperam que as meninas sejam de um jeito e os meninos de outro. Se uma menina gosta de jogar futebol ou está sempre brincando com meninos, isso não significa que ela vai se tornar uma menina masculinizada, ou no caso inverso, que o menino vai ficar afeminado.

Sayão (2002) destaca que, maioria das vezes, as meninas agrupam-se entre si e escolhem brincadeiras relacionadas ao que denominamos tradicionalmente universo feminino: brincam de bonecas, de casinha, de cabeleireiro. Enquanto isso, os meninos fazem uso de jogos como memória, “lego” ou de construção e similares. Em alguns

casos, meninos e meninas interagem, porém, na maioria das vezes, fazem opções por atividades com crianças do mesmo sexo.

Deste modo, observa-se que as crianças, influenciados pelos adultos, já nascem sabendo com quais brinquedos que irão brincar, e quais brincadeiras são destinadas ao seu tipo de gênero. Mais quem disse que menino não pode brincar de boneca e menina não pode brincar de carrinho? Quem criou essa regra? Essa e outras indagações voltadas às atitudes sexistas a todo tempo se fazem presentes em convívio ao preconceito.

Desde criança, os meninos e meninas passam a descobrir algo novo, explorar novos horizontes e a criar possibilidades de brincar. Isso faz parte do desenvolvimento natural de cada criança. Brinquedos não têm gênero. Todavia, desenvolvemos as brincadeiras associando ao gênero, reforçando constantemente “o feminino como associado, na maioria das vezes, á fragilidade, passividade, meiguice e ao cuidado. Ao masculino correspondem atributos como a agressividade, força e coragem” (AUAD, 2006, p. 22). Contudo, a formação das diferenças é consequência da construção que está baseada nas atitudes e costumes vivenciados tanto em casa quanto na escola.

3 Um pensar interdisciplinar quanto à questão de gênero

O conceito de gênero implica conhecer, saber mais sobre as diferenças sexuais e seus significados. Desse modo, é preciso compreender como são produzidas, as diferenças nas relações entre homens e mulheres, entre outras coisas.

Conforme Scott (1995), gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana. É a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres.

Strathern (1998 apud SILVEIRA; SOUZA, 2008) se refere a gênero como categorizações de pessoas, artefatos, eventos, sequências e tudo o que desenha a imagem sexual, indicando os meios pelos quais as características de masculino e feminino tornam concretas as ideias das pessoas sobre a natureza das relações sociais. Louro (1997), completa dizendo:

Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim com a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo partedo sujeito, constituindo-o. O sujeito é brasileiro, negro, homem,

etc. Nessa perspectiva admite que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros (LOURO 1997, p. 25).

Em síntese, podemos compreender que as relações de gênero interferem na constituição da identidade e esta, por sua vez, interfere na constituição do gênero. Essa ideia nos permite pensar que a identidade não é determinada por nosso núcleo biológico. São comportamentos construídos socialmente que nos direcionam e nos fazem compreender o que é ser homem e o que é ser mulher. Contudo, é possível concluir que o gênero é uma construção cultural sobre o sexo, isto é, sobre o modo de ser homem e mulher.

Para entendermos melhor essa questão, a antropologia da educação fala sobre a questão de gênero e especificamente dos brinquedos e brincadeiras direcionados as meninas e aos meninos. Para isso é preciso saber o que significa a palavra antropologia. Essa palavra tem origem grega e possui o seguinte significado: *anthropos* (homem) e *logos* – *logia* (estudo). Etimologicamente, significa estudo do homem (MARCONI; PRESOTTO, 2006). Esta ciência estuda os costumes, crenças, hábitos e aspectos físicos dos diferentes povos. Todavia, os antropólogos estudam a diversidade cultural dos povos, isso acontece também com relação à criança.

Desse modo, as discussões relacionadas a gênero estão em evidência em vários segmentos da sociedade atual, tanto no mundo da moda, como no mercado de trabalho, como na política. Também ganham destaque, quando o assunto são as crianças e suas brincadeiras. Como se trata de seres humanos em formação, das raízes de comportamentos futuros, os temas adquirem aqui uma dimensão complexa e sensível. Para quem se debruça sobre o assunto, rotular brinquedos ou brincadeiras para “meninos” ou “meninas” tem reflexos em diversos aspectos que vão da perpetuação de preconceitos à limitação de opções de carreira profissional.

Gênero refere-se “ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto”. Isso quer dizer que não é propriamente a diferença sexual de homens e mulheres que delimita as questões de gênero, e sim as maneiras como ela é representada na cultura através do modo de falar, pensar ou agir sobre o assunto (LOURO, 1997, p. 77).

Essas relações de gênero e principalmente brinquedos e brincadeiras começam na família, pois são costumes inseridos na sociedade passados de geração em geração,

intitulando que boneca é coisa de menina e carrinho é de menino. Isso acaba gerando um preconceito em relação aos brinquedos e até mesmo as brincadeiras.

A campanha britânica *Let Toys Be Toys* (“deixe os brinquedos serem brinquedos”) explica em seu *site* que os brinquedos de tipos diferentes ajudam no desenvolvimento de capacidades específicas. Brinquedos de ação e construção treinam habilidades espaciais, resolução de problemas e encorajam crianças a serem ativas, pois nessa fase da criança ela está explorando o mundo.

Podemos perceber nesses contextos citados acima, que não existe brinquedo específico de menina e menino, mas sim uma questão de deixar a criança usar sua imaginação, para que ela possa se desenvolver naturalmente, sem os preconceitos impostos pela sociedade e sim deixar a criança ser criança e os brinquedos serem apenas brinquedos.

Enquanto docentes é preciso direcionar essa questão a partir do currículo. Todavia, para discutirmos a relação do currículo e o brincar quanto à questão de gênero, precisamos compreender o que vem a ser o currículo. Para entendermos sua relevância na educação infantil e nos momentos de brincadeiras.

Para esclarecermos o conceito de currículo, podemos recorrer a vários autores que discutem o assunto. Entretanto, tendo em vista as diretrizes, a serem observadas na elaboração das propostas pedagógicas de cada estabelecimento, desta forma estabelece que:

Art. 3º O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade (BRASIL, 2009, p. 01).

Para educar a criança na creche, é necessário integrar não apenas a educação ao cuidado, mas também a educação, o cuidado e a brincadeira. Essa tarefa depende do projeto curricular.

Cabe à creche e à pré-escola, espaços institucionais diferentes do lar, educar a criança de 0 a 5 anos e 11 meses com brinquedos de qualidade, substituindo-os, quando quebram ou já não despertam mais interesse. Para adquirir brinquedos, é fundamental selecionar aqueles com o selo do INMETRO (Instituto Nacional de Metrologia), que já foram testados em sua qualidade com critérios apropriados às crianças (KISHIMOTO 2010, p. 02).

Desse modo, o autor aborda que é necessário a separação dos brinquedos, ou seja, classificá-los de acordo com a sua durabilidade, os que são atraentes e também adequado e apropriado a diversos usos. Garantindo assim a segurança e ampliando as possibilidades de brincar. Procurando atender à diversidade racial; não induzir a preconceitos de gênero, classe social e etnia; não estimular a violência. Além de incluir diversidade de materiais e tipos de brinquedos, sejam eles: tecnológicos, industrializados, artesanais e produzidos pelas crianças, pais e professores.

De modo que o currículo deve contribuir para construção da identidade dos alunos na medida em que ressalta a individualidade e o contexto social que estão inseridos. Sendo que, além de ensinar um determinado assunto, deve aguçar as potencialidades e a criticidade dos alunos. Nesse sentido, o currículo abrange as experiências de aprendizagens implementadas pelas instituições escolares. De modo que devem conter os conteúdos abordados no processo de ensino-aprendizagem e a metodologia utilizada para os diferentes níveis de ensino.

Quanto à concepção de gênero através da literatura, Rocha (2005, p. 437) define que é a “arte que emprega como instrumento a palavra”. Cabe aqui ressaltar, que literatura está em qualquer linguagem que se manifesta como arte. E pode ser expressa de forma verbal, emocional, literal, musical em formas de pinturas, expressões faciais e corporais, podendo ser entendida como a arte de palavra.

Mas a questão que iremos abordar é relação de gêneros literários para meninos e meninas. Desde o início de nossa existência somos moldados por uma cultura tradicional, que na maioria das vezes é imposta pela mídia. Essa cultura, valoriza a força do homem e a mulher é vista como um ser frágil e indefeso.

Anteriormente, vimos essa questão nas brincadeiras. Na literatura não é diferente. A editora Argentina Chirimbote, por exemplo, fez um celebre artigo criticando o gênero textual com a coleção Anti-princesas e Anti-heróis, explicando que meninos e meninas não devem privar a leitura em um só gênero textual, ou seja, não se devem ler apenas livros específicos para as meninas, onde idealiza o belo e de super heróis para meninos, onde reforça a grandeza do homem. Não e por que as meninas lêem livros de força e aventura que serão garotas masculinizadas, ou meninos que lêem livros de romances serão garotos afeminados!

E notório que isso, também vem da família que tem medo de ser criticada pela sociedade, por seus filhos lerem livros de romances ou poesias. Mas vemos que esse

universo cresceu, as obras literárias são lidas como um todo não havendo distinção de gênero, são obras que aguça o interesse de criar, liberdade de escrever o que deseja.

Bem como cita Abramovich (1993, p. 16) “é importante para a formação de qualquer criança ouvir, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo”. É através da literatura que podemos abrir possibilidades, caminhos, conhecimento e informações, para que leitores possam expor suas compreensões libertando mentes de preconceito sobre essa questão bem presente na atualidade.

Quanto à epistemologia da educação e sua relação com o brincar e a questão do gênero, torna-se importante compreender os princípios da epistemologia quando aplicados a infância. Para Iturra (2002), epistemologia tenciona definir a infância, como processo de relações sociais de épocas conjunturais da vida de um ser humano em qualquer grupo social, de qualquer cultura, de qualquer hierarquia, de qualquer classe social.

De acordo com o autor o saber da criança passa pela sua forma de interagir com o mundo. Todavia, o termo epistemologia refere-se ao “estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados da ciência já constituídos, e que visa determinar os fundamentos lógicos, o valor e o alcance objetivo” (FERREIRA, 1986, p. 673).

Segundo Japiassu (1979, p. 24), epistemologia “significa, etimologicamente, discurso (logos) sobre a ciência (episteme)”. Para o autor, a epistemologia se trata dos estudos e reflexões dos métodos científicos, realizando um estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências.

Em síntese, a criança nasce com conhecimentos, Iturra (2002, p. 139) afirma que “o saber da criança passa pela sua forma de interagir com o mundo”. E a principal ferramenta para introduzir esse saber é através dos jogos e brincadeiras que irá desenvolver suas habilidades cognitivas. Para isso é preciso propiciar ao docente uma formação de qualidade, com vista a buscar o desenvolvimento cognitivo de cada criança, não interferindo no imaginário e nem nos momentos de brincadeiras.

Quanto aos pressupostos teóricos e metodológicos, entendemos a importância da formação do professor para compreender questões relacionadas à infância e a criança. Muitas das vezes, a escola e o professor, adotam condutas sexistas, diferem meninos e meninas em questão de força e meiguice.

A escola limita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e meninas. [...] E hoje sob novas formas, a escola continua imprimindo sua “marca distintiva sobre os sujeitos”. Através de múltiplos e discretos mecanismos, escolarizam-se e distinguem-se os corpos e as mentes (LOURO, 1997, p. 58 e 62).

As crianças já entram na escola com uma concepção de gênero vinda da família, nessas horas cabe ao professor saber lidar com a situação, de modo que não venha prejudicar a criança no convívio familiar. É preciso que o professor respeite aos anseios da criança.

Permitir ou não que um menino brinque de boneca ou que uma menina brinque de carrinho não é definidor de sua subjetividade, um olhar investigador proporciona aos professores e as professoras uma qualidade em seu trabalho e reduz drasticamente o prejuízo que os preconceitos e as atitudes moralizantes impõem às crianças com quem trabalhamos (SAYÃO, 2004, p. 46).

Compreende-se que o educador não deve estipular jogos, brinquedos e brincadeiras pela diferença de gênero, ele deve deixar as crianças livres para escolher. É brincando que a criança aprende: aprende a respeitar, aprende que existem diferenças, aprende a dividir, a compartilhar e também aprende ser um adulto melhor quando crescer.

4 Relatos de experiências a partir do estágio nas creches

Durante nosso estágio de monitoria e regência pudemos perceber as diferenças entre as brincadeiras de meninos e meninas. Nesse período, a criança vai se descobrindo. E aos poucos descobrindo o mundo e suas diferenças. Isso acontece na escolha dos brinquedos e das brincadeiras. Nessa fase fica a pergunta, existem brinquedos específicos de meninos e de menina?

Percebe-se, que a menina e o menino, não dão importância à escolha dos brinquedos, pois “eles” escolhem os que verdadeiramente os atraem, ou seja, aqueles brinquedos que instigam o seu prazer. A questão de brinquedos de meninos e meninas e as influências de suas escolhas inicia no contexto familiar e chega até os espaços escolares, através das influências dos pais que passa por gerações. Quando uma criança se atrai por um brinquedo, ela não se importa se a boneca é denominada um brinquedo de menina ou se o carrinho é um considerado brinquedo de menino.

De antemão, Rodrigues (2004) relata que os meninos brincam em números maiores, enquanto meninas se agrupam em duas ou três, os meninos brincam em espaços abertos, e suas brincadeiras e seus jogos são mais violentos do que o das meninas, por possuírem um maior vínculo de amizade. As meninas são vistas pela sociedade como as sentimentais, delicadas, sensíveis, enquanto os meninos têm o direito de serem os brutos e agressivos.

As crianças estão sujeitas ao pré-conceito, pois vemos que desde pequenas elas são rotuladas pelos adultos, pelo fato de meninos e meninas brincarem de jeitos diferentes e assim são estimuladas aos brinquedos e brincadeiras de acordo com seu gênero.

Todos os dias na creche “Brincadeira” as crianças tinham trinta minutos para brincarem no pátio. Como a creche tinha poucos brinquedos, levamos de casa uma bola para que eles brincassem nesse tempo que era dirigido a recreação. Inicialmente não foi fácil a adaptação das crianças, os meninos não queriam dividir a bola com as meninas, afirmavam que bola não era brinquedo para menina. Foi aí que tivemos que tomar algumas atitudes. Começamos a desenvolver brincadeiras, como a queimada, onde ambos poderiam brincar.

Antes de começar fazer com que eles interagissem, havia muitas brigas. Passamos a conversar com todos diariamente, para mostrar que não poderiam ter essas diferenças entre si. Por fim, nem precisava mais que interferíssemos, eles aprenderam que podiam dividir os brinquedos sem ter diferença de gênero.

Na creche “Sorriso”, o momento de recreação era ministrado uma vez na semana na brinquedoteca, e em outros dias era feito em sala de aula, após as atividades cotidianas. Durante o período do estágio, pudemos perceber que a sala de aula era heterogênea composta por 15 alunos. O que nos chamou atenção foi um dado momento no ato de brincar em sala de aula, onde a professora e a auxiliar de desenvolvimento infantil separavam um grupo de meninas e um grupo de meninos e selecionava os brinquedos denominando-os como de meninas e de meninos, onde um não poderia pegar o brinquedo do outro, pois, um determinado brinquedo pertencia só às meninas e outros somente os meninos.

Outra situação que ocorreu na creche “Sorriso” foi de uma determinada criança era proibida pelos pais de brincar, até mesmo com brinquedos denominados de meninas, pois na concepção do pai, as brincadeiras das meninas tinham que ser voltadas para ato de cuidar, ou seja, ser dona de casa. Um outro caso, foi de um menino que gostava de

brincar com os brinquedos denominados de meninas e da cor rosa, os pais não aceitavam que o filho vivenciasse esse tipo de brincadeira.

Nesse sentido, suponhamos que as crianças que vivencia uma situação, onde na maioria das vezes são reprimidas as brincadeiras que lhes despertam a curiosidade e tenham uma educação preconceituosa, tende a seguir por esse caminho quando adultos. É importante ressaltar que durante o estágio, presenciamos comentários tais como: uma menina por não gostar de boneca e ser rebelde, é classificada como uma menina difícil que tem o seu comportamento igual à de um menino, e se o menino é mais caprichoso, dizem que ele não tem hábito de menino.

Diante das situações vivenciadas nas creches “Brincadeira” e “Sorriso” percebemos que a questão do gênero na educação infantil é pouco esclarecida. Assim, fica evidente que precisando desmistificar essa situação do ato de brincar, que é passada de pais para filhos, e até mesmo por educadores.

5 Considerações

Em suma, constatou-se que o brincar é essencial para o processo de ensino e aprendizagem da criança, pois, através do brincar a criança consegue expressar seus sentimentos suas emoções e habilidades cognitivas. Em relação ao gênero e o ato de brincar a criança não consegue ainda definir “se o brinquedo é de menino ou de menina”, pois, ela brinca com aquele brinquedo que chama sua atenção sem se preocupar com a questão de gênero. Durante as observações e estudos teóricos, percebemos que esse ato de definir brinquedos de meninas e meninos é estabelecido pelos pais e em alguns momentos pelos próprios educadores.

Desse modo, precisamos desmistificar essa questão no ato de brincar, possibilitando novos olhares para sanar com a rotulagem das crianças, que são empregados pelos adultos. No entanto é de grande valia que as crianças possam escolher seus brinquedos, suas brincadeiras e até mesmo se expressar com aquilo que os instigam ao prazer. Tendo o direito a um desenvolvimento saudável, com vista a uma vida adulta equilibrada.

6 Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1993.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola.** São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL. **Ministério da Educação.** Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB n. 5, de 17 de dezembro de 2009. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 18 dez. 2009. Seção 1, p. 18.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ITURRA, Raul. **A epistemologia da infância: Ensaio de Antropologia da Educação.** In: Educação, Sociedade & Cultura, nº 17, 2002. (p. 135-153).

JAPIASSU, Hilton Ferreira. **Introdução ao pensamento epistemológico.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1979.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** São Paulo, Cortez, 1999.

_____. **Brinquedos e brincadeiras da educação infantil.** In: Anais do I seminário nacional currículo em movimento – Perspectivas atuais. Belo Horizonte, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia. Uma introdução.** 6ª ed. São Paulo: Atlas. 2006.

ROCHA, Ruth; PIRES, Hildenburg da Silva. **Minidicionário da Língua Portuguesa.** 13º ed. São Paulo: Scipione, 2005.

RODRIGUES, P. **Meninos e meninas juntos mais essencialmente separados.** VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. 2004.

SAYÃO, Déborah Thomé. **A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil.** Pensar a Prática, Goiânia, p.1-14, Jul./Jun. 2001-2002.

_____. **Infância, sexualidade e educação: Aspectos das relações profissionais e crianças.** In: SARTORE, Ari José; BRETTO, Néli Suzana (orgs.). **Gênero na educação: espaço para diversidade.** Florianópolis: Genus, 2004. (p. 40-47)

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade. Porto Alegre, Déborah Thomé Vol. 20, nº 2, p.71-99, 1995.

SILVEIRA, Natália Silva da; SOUZA, Gisele Maria Costa. **Atividades na Educação Infantil e Relações de Gênero**. In: Anais do ST 10 - Educação Infantil e Relações de Gênero. Florianópolis, 2008.

VELASCO, Calcida Gonsalves. **Brincar: o despertar psicomotor**. Rio de Janeiro: Sprit, 1996.